

Jahn und Jahn
Rua de São Bernardo 15
1200-823 Lisboa

Jahn und Jahn
Baaderstraße 56 B und C
80469 München

Carla Filipe A casa da colecionadora 21.3.–17.05.2025

A *casa da colecionadora* não tem sinais de vida doméstica, mas é habitada pelas obras de arte que a colecionadora tem vindo a juntar ao longo dos anos. É um espaço aberto, de socialização, mas é também íntimo e talvez secreto. Conseguimos descobrir o que está por detrás da escolha destas obras? O que revelam elas da sua colecionadora? Podemos encontrar-nos também nas histórias que contam e nas ligações que estabelecem?

Na “casa da colecionadora” de Carla Filipe, são os gestos e experiências da artista que desde logo se evidenciam nas suas reflexões, confissões e questionamentos diretamente inscritos nos conjuntos de desenhos. E também a presença do corpo da mulher, representado em diferentes contextos históricos. Já foi identificada no seu trabalho uma “tensão” entre intimidade e o espaço público, entre o individual e o coletivo, que a casa de uma colecionadora também simboliza. É uma tensão, por vezes acompanhada de um sentimento de estranheza, que não decorre apenas das circunstâncias políticas, dos códigos sociais e preocupações securitárias que condicionam a vida urbana, mas que se centra sobretudo no corpo da mulher e o histórico condicionamento e vigilância dos seus movimentos no espaço público e os bloqueios à sua mobilização e criação de laços de solidariedade e resistência. Historicamente, as mulheres pertencem ao espaço fechado da casa ou do convento e qualquer desvio a esta narrativa cai no esquecimento. Carla Filipe relembra este enclausuramento, mas revela também através da sua pesquisa e do seu gesto independente formas e processos de libertação, diálogo intergeracional e rebelião e, finalmente, a possibilidade de uma comunidade:

Falo do outro falando de mim. E falo de mim sem estratificar o conjunto, sem nivelar o outro. E ao falar sobre mim permito que o outro se identifique e dessa forma seja criada uma comunidade, uma pluralidade.²

O processo de nos confundirmos com o outro e a conseqüente criação de uma comunidade são sugeridas nas obras apresentadas nas primeiras salas. A experiência da noite urbana estabelece uma ligação pelo som e pela dança, isto é, pela liberdade de nos abandonarmos a uma vivência mais sensorial. Os movimentos do corpo, as vibrações do som criam corpos estranhos porque estão nivelados pela mesma experiência, independentemente do género.

Este trabalho meticuloso de corte e colagem contraria os códigos de reconhecimento e também de representação tradicionais no universo artístico. Carla Filipe procura, no entanto, encontrar no espaço da arte formas de ser ela própria, através de uma prática experimental, inspirada por uma trajetória pessoal, mas que acaba por ecoar outras vivências. Podemos então sugerir que as obras reunidas pela colecionadora formam uma autobiografia coletiva, em que histórias mais privadas reproduzem ao mesmo tempo experiências partilhadas. Esta autobiografia coletiva relata histórias quotidianas e banais e por isso tem também não só uma dimensão histórica, como também política. A

referência à banda de baile FH5 que trazia pela primeira vez à província músicas pop internacionais (sala 1), é exemplo de uma história simples que é também de descoberta e aproximação com outras partes do mundo. Mas a pesquisa de Carla Filipe vai além destes episódios biográficos e mergulha ainda na história das imagens e relatos de mulheres. Dá-se então o resgate de memórias não citadas nos livros de história, que formam uma não-história ou uma contra-história. Como refere Ana Sofia Ferreira, “quando chegamos ao 25 de Abril de 1974, as lutas das feministas do início do século e a sua participação em organizações feministas tinha sido apagada, quer por ação do antifeminismo do regime, quer porque a oposição considerava que a luta das mulheres era secundária e devia ser diluída no contexto mais vasto das reivindicações democráticas”.³

Na primeira sala, o conjunto de três colagens formam um “auxiliar de memória” do controlo sobre a vida e aspirações da mulheres, rigidamente divididas em classes sociais e profissionais durante a ditadura. A imposição do celibato em determinadas profissões deixou entretanto de existir, mas a segregação social, representada pelo confinamento da criada dentro da casa que serve, mantém-se ainda, recordada na estrutura dos apartamentos modernistas e ainda materializada em novas construções. Mas nesta “coleção”, as histórias transgressoras exploradas pela artista (como *My dear and sweet transgressoras*, sala 1) e a sua forma de narração, através da mistura, colagem de imagens e subversão de iconografias, permitem olhar também por entre as brechas da história oficial e reencontrar figuras e episódios que complexificam as experiências das mulheres e lhes dão protagonismo e poder.

Isso é evidente na sua abordagem à doçaria conventual no Alentejo antes da Revolução Liberal. Ao contrário de uma perspetiva linear que repete a tradicional vitimização, a artista sugere que as mulheres confinadas nos conventos, provenientes de ricas famílias, encontraram na cozinha e na culinária um espaço de criatividade, convívio e transgressão. Estes desenhos representando uma natural relação da mulher com a sua sexualidade contrastam com as colagens em que corpos nus recortados de revistas sobrepõem poses e gestos eróticos convencionais a uma arquitetura conventual, mostrando que a trajetória das mulheres ao longo da história não foi de emancipação progressiva, mas novas formas de controlo e enclausuramento foram sendo impostas.

Na terceira sala, as manifestações viscerais, as entranhas que explodem do corpo, exprimem essa estranheza constante perante a representação mais canónica e normalizada da mulher. Os conjuntos de desenhos aqui expostos exprimem, pelo contrário, a possibilidade de tornar todos os corpos visíveis. Como comentou Maria Lamas numa entrevista em 1975, “até o facto de se despir mesmo sozinha e de se ver nua é considerado (ou era) um pecado contra o pudor”.⁴ O controlo na esfera pública transferia-se também para o espaço privado e isso explica o longo silêncio sobre o desejo e prazer sexual das mulheres. Deste modo, nestes desenhos, as reações alérgicas, a impossibilidade de ver ou ouvir manifestam essa recusa da constante pressão para seguir as normas sociais que empurram as mulheres, o seu corpo, os seus próprios desejos e sexualidade para uma zona de invisibilidade. Por isso, a representação do corpo com reações afetivas ou emotivas ou em relação a experiências individuais possibilita o encontro e a solidariedade: “You are sexual remember”, relembra as mulheres que são mães que não têm que reprimir a sua sexualidade.

O trabalho de Carla Filipe recupera histórias esquecidas, explora outras formas de autorrepresentação e expande o campo de representação da mulher para incluir expressões das suas experiências e intimidade que ao longo da história foram sendo rejeitadas. Ao percorrer *A casa da colecionadora* descobrimos, por isso, novos significados nas histórias de todos os dias e encontramos-nos também nos seus constantes desafios e possibilidades.

Leonor de Oliveira

¹ Nélío Conceição, “The ambivalences of intimacy and aesthetic and political reconfigurations of the common world”, in *Rethinking the City: Reconfiguration and Fragmentation*, editado por Maria Filomena Molder, Nélío Conceição, Nuno Fonseca, London; New York: Routledge, 2025, pp. 60-76.

² Francisco Cardoso Lima e Carla Filipe, “Entrevista a Carla Filipe”, in Francisco Cardoso Lima, “O Artista pelo Artista na Voz do Próprio”, tese de doutoramento, Universidade de Aveiro, 2013, Anexo D, p. 201.

³ Ana Sofia Ferreira, “O 25 de Abril e as mulheres: uma Revolução incompleta?”, in *25 de Abril: Revolução e Mudança em 50 Anos de Memória*, editado por Manuel Loff e Miguel Cardina, Lisboa: Tinta da China, 2024, p. 199.

⁴ Maria Lamas entrevistada por Sílvia Soares para *Modas & Bordados* em 1975, citada por Isabel Freire, *Sexualidades, Média e Revolução dos Cravos*, Lisboa: ICS, 2020, p. 232.

Biografia

Carla Filipe (n. 1973, Vila Nova da Barquinha, Portugal, vive e trabalha no Porto) é uma artista multidisciplinar cujo trabalho examina criticamente as intersecções da arte, política e memória colectiva.

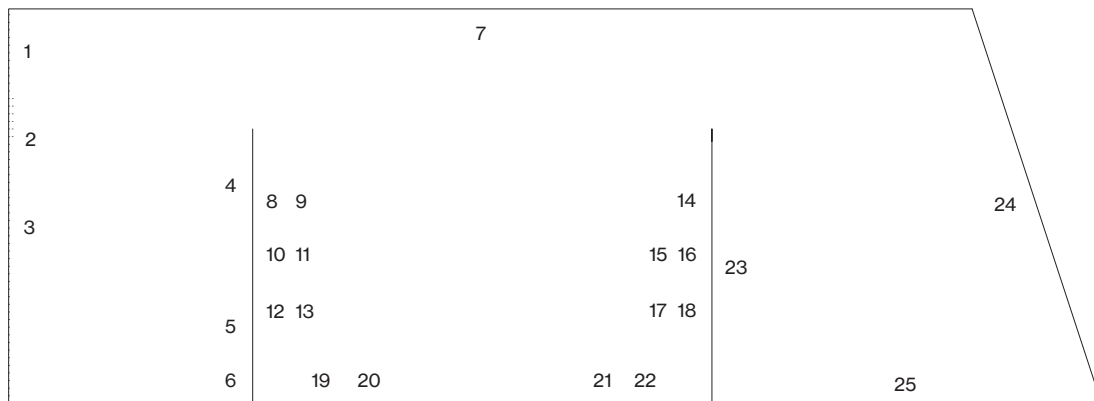
Estudou Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde também obteve um Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas. Filipe é co-fundadora dos espaços artísticos independentes Salão Olímpico (2003–2005) e Projecto Apêndice (2006) no Porto.

O seu trabalho tem sido mostrado em instituições de relevo, tais como a Fundação de Serralves (Porto), MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (Lisboa), Museu Coleção Berardo (Lisboa), MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado (Lisboa), SESC Pompeia (São Paulo) e a Kunsthalle Lissabon (Lisboa). Em termos internacionais, participou na 32ª Bienal de São Paulo (2016), 13ª Bienal de Istanbul (2013), 4ª Bienal Industrial de Arte Contemporânea dos Urais (Rússia, 2017) e Manifesta 8 (Murcia - Cartagena, 2011). Outras exposições de nota incluem a La Réplica Infidel no CA2M (Madrid), Les Urbaines no MCBA (Lausanne) e Le lynx ne connaît pas de frontières na Fondation Ricard (Paris).

Filipe recebeu várias bolsas e residências, incluindo bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian para residências nos Acme Studios (Londres, 2009), AIR Antwerpen (Bélgica, 2014), Robert Rauschenberg Foundation Residency (Flórida, EUA, 2015), Krinzinger Projekte (Viena, 2017) e Peacock & The Worm (Aberdeen, Escócia, 2023).

As suas obras integram importantes colecções públicas e privadas, incluindo as da Fundação de Serralves, Fundação MAAT/EDP, Colecção António Cachola, Colecção de Arte Contemporânea do Estado Português (CACE), Centro de Arte Oliva, Fundação Leschot; Fundação PLMJ, entre outras.

Filipe recebeu o Prémio de Desenho FLAD 2023 e 2024, assim como o prémio para melhor exposição de artes plásticas, com *In My Own Language I am Independent*, no Museu de Serralves, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores.



- 1
Auxiliar de memória: fragmentos sobre a história da mulher, nº1, 2025
impressão serigráfica, colagem, tinta-da-china sobre papel.
108.5 x 79 cm
- 2
Auxiliar de memória: fragmentos sobre a história da mulher, nº2, 2025
impressão serigráfica, colagem, tinta-da-china, letras de decalque sobre papel.
108.5 x 79 cm
- 3
Auxiliar de memória: fragmentos sobre a história da mulher, nº3, 2025
impressão serigráfica, colagem, tinta-da-china, decalque sobre papel.
108.5 x 79 cm
- 4
My dear and sweet transgressoras, 2023
Impressão serigráfica e tinta da china. Impresso no estúdio de serigrafia Peacock and the Warm, Aberdeen, Escócia, UK
125 x 90 cm
- 5
Donna Summer - She Works hard for the money, 2006-2009
tinta-da-china, acrílico, esferográfica sobre cartolina amarela
43 x 75 cm
- 6
Madonna - Like a Virgin, 2006-2009
tinta-da-china, acrílico, esferográfica sobre cartolina azul
42 x 41.5 cm
- 7
A partir das leituras de Doçaria Conventual do Alentejo: as receitas e o seu enquadramento histórico (de Alfredo Saramago, Colares Editora), 2007
tinta-da-china, esferográfica sobre papel
4 elementos, 45.5 x 30.5 x 3.5 cm (cada)
- 8
Metamorfose #7, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 9
Metamorfose #8, 2023-2025
colagem
40 x 50 cm
- 10
Metamorfose #10, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 11
Metamorfose #3, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 12
Metamorfose #11, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 13
Metamorfose #9, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 14
Metamorfose #4, 2023-2025
colagem
61 x 50 cm
- 15
Metamorfose #1, 2023-2025
colagem
51 x 60 cm
- 16
Metamorfose #2, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 17
Metamorfose #5, 2023-2025
colagem
51 x 60 cm
- 18
Metamorfose #13, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 19
Religião, perversão, tesão #3, 2016
colagem
50 x 35.5 cm
- 20
Religião, perversão, tesão #1, 2016
colagem
50 x 65 cm
- 21
Religião, perversão, tesão #2, 2016
colagem
53 x 44 cm
- 22
Metamorfose #14, 2023-2025
colagem
50 x 40 cm
- 23
Corpo-mente (II), 2015-2016

Corpo-mente IX (Visceras), 2015-2016, 70,3 x 50 cm
You are Sexual, Remember, 2015-2016, 70,3 x 50 cm
A ambiguidade da experiência da cidade, 2015-16, 76 x 57 cm
A ideia sobre comunidade, 2015-2016, 76 x 55,8 cm
Corpo-mente III, 2015-2016, 70,3 x 50 cm
O impulso sobre a comunidade, 2015-2016, 76 x 55,8 cm
tinta-da-china sobre papel
6 elementos, 84 x 64 cm (cada)
- 24
Discurso fragmentado, 2016
tinta-da-china sobre papel
12 elementos, 64 x 84 cm (cada)
- 25
Corpo-mente (I), 2015-2016

Corpo-mente I: La Fontaine, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Expel, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Corpo-mente II: Alergic I, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Corpo-mente III: Não quero ver, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Corpo-mente IV: Alergic II, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Corpo-mente V: não quero ouvir, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Corpo-mente VI: I have to work to save you, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Corpo-mente VII (Visceras), 2015-2016, 76,5 x 57 cm
Corpo-mente VIII: Return to Reality, 2015-2016, 76,5 x 57 cm
tinta-da-china sobre papel
9 elementos, 84 x 64 cm (cada)